

hori: tukano e wanano

“Hori: Tukano e Wanano” apresenta uma seleção de trabalhos de Dhiani Pa’saro (1975, São Gabriel da Cachoeira/AM) e Duhigó (1957, São Gabriel da Cachoeira/AM) a partir da qual se revelam alguns dos elementos centrais que tanto caracterizam a singularidade da produção de cada um desses artistas. Sem buscar demasiadas convergências ou esclarecimentos generalizantes sobre a cultura visual indígena contemporânea, o recorte de obras entrelaça e fricciona indiciais de alusão à selva amazônica.

O termo Hori, que intitula a mostra, é uma palavra de origem tukano por meio da qual se estabelecem referências ao conjunto de grafismos e pinturas rupestres desenhados pelos ancestrais dos povos indígenas do Alto Rio Negro, no Amazonas, dentre os quais os povos Tukano e Wanano fazem parte — etnias de Duhigó e Dhiani, respectivamente. Alegoria das formas de percepção e expressão visual de que resultam os rituais de Khaapi, a base de Ayuasca, hori é também uma alusão às técnicas e rituais desses povos através das quais procuram estabelecer conexões com um mundo superior e dar vida aos desenhos sagrados que integram a história, o cotidiano e as suas cerimônias. Hori é parte da cultura visual que envolve as produções de cerâmicas, cestarias, bancos e até pinturas corporais desses povos: consiste, de certo modo, em uma forma de percepção do mundo nas cores, linhas e vibrações que percorrem essas cosmovisões — o espiritual que se materializa, o invisível que se torna visível.

Mas se tanto Dhiani quanto Duhigó guiam os seus trabalhos pelo interesse mútuo de registro da vida em suas respectivas comunidades e trajetórias, o desdobramento dos trabalhos, por sua vez, toma sentidos opostos. Aos jogos formais, geométricos e abstratos da marchetaria de Dhiani, Duhigó responde com uma pintura figurativa e grafismos orgânicos. Não diferente, a exposição se guia por nexos. Não setoriza ou separa as produções, mas estabelece diálogos: de um lado vive a linha, do outro o círculo. Se as marchetarias em pequenos formatos de Dhiani desenhavam uma linha nas paredes brancas da galeria, os ouriços de Duhigó, por sua vez, formam essa constelação circular — uma espécie de simulação da vista panorâmica de aldeias, tipicamente orbiculares, com suas respectivas malocas avizinhas uma da outra. Esferas amazônicas, os ouriços da artista se edificam quase como que ensaios a respeito dessas existências paralelamente coletivas e individuais características da vida na aldeia. Para Duhigó, pintar soa como um mecanismo memorialista, certa tentativa de garantir algum tipo de permanência material à cultura Tukano, em termos tanto mitológicos e imagéticos quanto próprios aos saberes populares e lembranças afetivas que permeiam o seu imaginário.

Duhigó e Dhiani são, sobretudo, fiéis ao que propõem. O poeta Torquato Neto já disse que “difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia” — o que, para esses artistas, não dá nem eco. Ao seu próprio modo, cada um deles procura caminhos. Mas, ao não traírem a sua cultura, não traem também a sua arte. São exemplos concretos de que a arte contemporânea não

suporta, e nem pretende aturar, critérios universais. Narrando mitos ou representando peneiras, as obras como que convidam o espectador ao contato com cada um desses mundos. O contemporâneo, aqui, não é um desentendimento com o ancestral: é, pelo contrário, a margem para um encontro possível. As alternâncias sutis emuladas pelos grafismos ou marchetarias é, no fim, a possibilidade de amplificar o alcance dessas histórias avassaladas pela narrativa dominante.

Primeira exposição da Aura dedicada à arte indígena contemporânea, “Hori: Tukano e Wanano” é representativa não somente da ambição por construir um corpo artístico verdadeiramente plural de representações à galeria, como também da sua abertura para diálogos e parcerias diversificadas. A natureza coletiva de todo o trabalho que envolveu a concepção da mostra – desde a curadoria e o entusiasmo por expor mais de um artista até a escrita do presente texto e a interlocução entre duas galerias – é também o espelho dessa predisposição a um vértice amplificador de convivência com a arte contemporânea a que o próprio título da mostra se refere. O recorte de trabalhos, nessa linha, não poderia sugerir outra coisa senão uma tentativa de desmistificação a respeito de certas formas ideológicas de interação com a produção visual indígena: é uma tomada de posicionamento frente às opções pretensamente cosmopolitas de aproximação da cultura contemporânea que, na realidade, não dão conta de seu campo ampliado. E a presente parceria entre a Aura e a Manaus Amazônia, naturalmente, corresponde também ao produto de um diálogo ativo com a produção indígena, diretamente compatível à história abrangente do Brasil que ambas as galerias se preocupam em contar.

aura galeria
manaus amazônia galeria

hori: tukano e wanano
dhiani pa'saro e duhigó

aura galeria
manaus amazônia galeria

rua da consolação, 2767
jardins, são paulo
aura.art.br

